

ENTREI NA UFPEL, E AGORA?: O COLETIVO ENQUANTO RESISTÊNCIA E POSSIBILIDADE DE PENSAR NOVAS PRÁTICAS DE PROMOÇÃO E PREVENÇÃO EM SAÚDE

ROSEMERI VÖLZ WILLE¹; JULIANA ANTUNES SOUZA²; LISANDRA OSÓRIO³;
JANAÍNA BECHLER⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – rosevville@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – anailuj.azuos@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – lisandra.osorio@ufpel.edu.br

⁴Universidade Federal de Pelotas – janainabechler@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A promoção de saúde não é apenas um objetivo em si mesmo, é um paradigma reestruturante de intervenção, fundado sobre os valores da autonomia, responsabilidade e justiça, reinventa o conceito de saúde, torna-o um conceito positivo, valorizando os aspectos sociais e cotidianos da vida. (BARBOSA e MENDES, 2005). As ações neste campo têm como princípios norteadores a concepção holística de indivíduo, empoderamento, participação social, equidade e ações multi-estratégicas (WHO, 1998). Neste contexto insere-se este trabalho, que surge do estágio específico de Promoção e Prevenção em Saúde do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas realizado na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis - PRAE, da mesma instituição.

O serviço de psicologia da PRAE tem seu trabalho voltado ao atendimento psicológico individual, realizando eventualmente atividades relativas a aprendizagem junto ao Núcleo Psicopedagógico, no qual está inserido. Deste modo, este estágio propôs a criação de um campo novo de atuação da psicologia na instituição e, para isso, por meio de observação e entrevistas, realizou-se uma investigação acerca das demandas e possibilidades. A partir deste estudo inicial, identificou-se a necessidade de espaços de aproximação e diálogo com os estudantes desde seu ingresso na universidade, já que até então ao contato do estudante com a PRAE vem sendo atribuído um papel burocrático de solicitação de auxílios e resoluções nesse âmbito. Além disso, observou-se a preocupação do núcleo com o número de estudantes que não possuem aproveitamento acadêmico e a crescente procura por atendimento psicológico individual. Nesta perspectiva, surge a proposta de criação de um espaço de acolhimento e diálogo, voltado para os estudantes ingressantes e beneficiários da PRAE, porém aberto a todos os interessados. Este se concretizou a partir de encontros em grupo que trataram dos seguintes temas: ingresso na universidade, convivência, solidão, sexualidade, família e amizade.

2. METODOLOGIA

A intervenção e sua análise foram orientadas pelo método de pesquisa-intervenção, onde conhecer e fazer, intervir e pesquisar são considerados inseparáveis. Nessa perspectiva a intervenção é um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto num mesmo plano de produção (PASSOS & BARROS,

2015), onde o pesquisador é considerado um cartógrafo a medida que enuncia matérias de expressão do campo de afetos que compõe. Para o cartógrafo não importa explicar ou revelar, mas sim as intensidades e desejos que buscam expressão (ROLNIK, 2007). Neste processo valoriza-se o percurso e seus atravessamentos, sentimentos, desvios e pequenos acontecimentos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O compor dos encontros foi marcado por desvios. O primeiro deles se refere à fantasia que fazíamos sobre os estudantes ingressantes ao planejar as atividades deste estágio. Carregávamos a imagem de alguém que vem de outro estado, de outro clima e cultura, que afetado pela convivência com o diferente poderia encontrar neste projeto espaço para trocar experiências com os estudantes de Pelotas e região. Porém, desde o primeiro encontro fomos surpreendidas e provocadas a desconstruir esta imagem. Percebemos que o estudante ingressante que vem de fora, não traz necessariamente afetações sobre as diferenças regionais e convivência com o diferente, e que o estudante de Pelotas e região também vivencia estes aspectos da ambientação, ao passo que a universidade se mostra um mundo novo, habitado pela diversidade. Assim, decompomos a fronteira antes estabelecida entre estudantes “daqui” e “de fora”. O desviar também se fez presente em cada um dos encontros, quando os estudantes nos convidavam a desconstruir os roteiros imaginados, tornando as discussões um exercício do imprevisto, sobretudo nos mostrando que o processo vivo e dinâmico não cabe em roteiros, ele transversaliza nas brechas das relações que os alunos constroem com o ambiente acadêmico. Isso mostrou-nos, nas palavras de Guattari (2004, p. 97), “[...] a perturbação que sofre o estudante ao chegar ao kafkiano mundo da Universidade. Sabemos quantos padecimentos ele terá para superar todos os tipos de dificuldades e inibições”.

Dessa forma, se pudéssemos traçar uma linha que atravessa costurando todos os encontros, essa linha poderia ser chamada mudança. Em cada relato, em cada conversa, em cada discussão, emergiam significações - ainda em processamento - do que é estar na universidade. Este estar na universidade é carregado de mudanças, que não se resumem a mudar de estado ou cidade, mas que marcam mudanças no próprio ser, produzindo novas significações. Para pensarmos este momento recorreremos ao que Guattari e Rolnik (2005) denominam produção de subjetividade. Para isso, embarcamos na Viagem de Rolnik à subjetividade (ROLNIK, 1997), onde podemos entender que a subjetividade enquanto parte do processo dinâmico do viver se relaciona com múltiplos fluxos que a redesenham constantemente.

Assim entendemos o ingressar na universidade como forças que tensionam e permutam as significações dos estudantes, colocando novas questões e produzindo outras formas de ser. Neste movimento de deslocamento há que se destacar o produzir da autonomia e o emergir de forças imbricadas com a dependência, os quais foram presentes na fala dos estudantes. Podemos pensar

nos encontros desta intervenção como fluxos, ainda que pequenos, que se inserem na produção de subjetividade colocando a saúde em questão.

A subjetividade como produção pode servir tanto para forças de controle, que fabricam formas de ser e pensar, como podem servir para forças de criação (GUATTARI & ROLNIK, 2005). Nesse sentido, acreditamos que este trabalho possibilitou reflexões e significações de uma noção ampliada de saúde, uma vez que nossos encontros foram permeados pelo pensar-fazer da promoção em saúde. Assim, através de temas relacionados com o viver e seus vários movimentos buscamos significar saúde de modo a deslocá-la da ordem da doença para a ordem da vida. Tal movimento problematiza uma significação instituída de saúde - quiçá a própria psicologia, a qual tem sua história marcada por práticas de normatização e normalização -, não por acaso os encontros por diversas vezes foram atravessados por falas e escritas voltadas à uma concepção de saúde em relação à doença. Nesta mesma linha, podemos vislumbrar as ações realizadas como um tensionamento, ou quem sabe resistência, ao que pensa Gomes e Silva Junior (2007, p.57): “Na contemporaneidade, a desvairada velocidade da lógica produtiva do mercado capitalista globalizado é impressa no andar das pessoas apressadas cujos olhares evasivos e fugidios já não se cruzam”. Cabe aqui pensar a universidade como inserida nesta realidade, onde a produtividade acadêmica cria tempos escassos de encontros e afetos, muitas vezes sem considerar singularidades, provocando o esvaziamento do espaço público e coletivo. Neste contexto, nossos encontros, enquanto espaços coletivos de construção, podem ser considerados resistência a este cenário. Como resistência entendemos em Deleuze (1988) que resistir é criar, e assim, é criando espaços, possibilidades de reflexão e inventando formas outras de habitar espaços que se dá o resistir. Estes encontros ressignificam o espaço da PRAE, tornando-o não só espaço de entrega de documentos, requerimentos de auxílios e outras burocracias, mas também de produzir sentidos e afetos. Além disso, este espaço possibilita o olhar para a vida estudantil como repleta de potências de vida e criação, que resistem criando seus modos de vida na universidade em meio aos atravessamentos socioeconômicos.

4. CONCLUSÕES

Esta intervenção, enquanto inauguração de um outro fazer da psicologia na PRAE, permite pensar sobre a importância de espaços outros além da clínica individual junto aos estudantes universitários. O olhar mais abrangente proposto pela perspectiva da promoção e prevenção em saúde possibilita o desfocar dos aspectos do adoecimento ou da falta de aproveitamento para um perceber as potências e as diversas formas de (r)existir dos estudantes. Romper com rotulações, tantas vezes estigmatizantes, pode ser considerado como passo para construção de uma relação mais dialógica entre estudantes e universidade.

O ingressar na universidade é acompanhado de muitas transformações, por isso um olhar atento aos estudantes ingressantes tem grande importância, porém é possível avaliar que espaços como este devem ser voltados também aos

estudantes que percorrem outras fases da graduação, já que os temas tratados se mostram presentes também na vida destes. Este espaço criado não termina aqui, ao contrário, constitui-se enquanto movimento de abertura a outros modos de compor a prática da psicologia e de habitar a PRAE.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, C. F. & MENDES, I. J. M. **Concepção de promoção da saúde de psicólogos no serviço público**. Paidéia, 2005.

GOMES, L. G. N. & SILVA JUNIOR, N. S. **Amizade em tempos de solidão**. Psicologia & Sociedade; 19 (2): 57-64, 2007.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GUATTARI, F. **Psicanálise e Transversalidade**: ensaios de análise institucional. São Paulo: Ideias & Letras, 2004.

PASSOS, E. & BARROS, R. B. **A cartografia como método de pesquisa-intervenção**. In: Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ROLNIK, S. **Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura**, 1997.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Health promotion evaluation: recommendations to policymakers**. Copenhagen: European Working Group on Health Promotion Evaluation, 1998.